



UM OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE PARTICIPAÇÃO, PRIVACIDADE E EXPOSIÇÃO NA INTERNET

A STUDENT PERSPECTIVE ON PARTICIPATION, PRIVACY AND EXPOSURE ON THE INTERNET

UNA PERSPECTIVA ESTUDIANTIL SOBRE LA PARTICIPACIÓN, LA PRIVACIDAD Y LA EXPOSICIÓN EN INTERNET

Silvio Simon de Matos¹

José Isaías Venera²

Resumo: A digitalização da comunicação por meio de troca de informações e mensagens abre espaço para as relações sociais, levando internautas a sentir o outro tão ou mais próximo do que aquele que, eventualmente, está ao seu lado. Este artigo traz o resultado de uma pesquisa aplicada durante a disciplina de Humanismo, com o uso de uma técnica chamada “poema dos desejos”. O objetivo é o de identificar as perspectivas apontadas por estudantes de graduação em comunicação de uma universidade catarinense em relação aos cenários ideais voltados à construção de comunidades, relações entre público e privado, presença na web e a construção de vínculos afetivos. Ao analisar os resultados do instrumento de pesquisa, percebe-se que, mesmo com forte identificação com o universo digital, os participantes sentem-se seguros e, em alguns momentos, preferem os contatos e as trocas realizadas presencialmente.

Palavras-chave: redes sociais; cultura da participação; comunidades virtuais.

Abstract: The digitalization of communication through the exchange of information and messages opens up space for social relationships, leading Internet users to feel that others are as close or even closer than those who are possibly right next to them. This article presents the results of a survey conducted during the Humanism course, using a technique called “poem of desires”. The objective is to identify the perspectives indicated by undergraduate students in communication at a university in Santa Catarina regarding ideal scenarios aimed at building communities, relations between the public and private sectors, presence on the web and the construction of emotional bonds. When analyzing the results of the survey instrument, it is clear that, even with a strong identification with the digital universe, participants feel safe and, at times, prefer contacts and exchanges carried out in person.

Keywords: social networks; culture of participation; virtual communities.

1 Doutor em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do Mestrado Profissional em Comunicação e Mediações Contemporâneas, da Univille. silvio.simon@univille.br

2 Doutor em Ciências da Linguagem pela Unisul. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Mediações Contemporâneas (PPGCom) e, também, do Mestrado e Doutorado em Educação (PPGE), ambos da Univille. j.i.venera@gmail.com

Resumen: La digitalización de la comunicación a través del intercambio de información y mensajes abre espacios para las relaciones sociales, llevando a los internautas a sentir que los demás están tan cerca o más cerca que aquellos que posiblemente estén a su lado. Este artículo presenta los resultados de una investigación aplicada durante la disciplina Humanismo, utilizando la técnica denominada “poema del deseo”. El objetivo es identificar las perspectivas apuntadas por estudiantes de grado en comunicación de una universidad catarinense en relación a escenarios ideales orientados a la construcción de comunidades, relaciones entre lo público y lo privado, presencia en la web y construcción de vínculos emocionales. Al analizar los resultados del instrumento de investigación, se desprende que, incluso con una fuerte identificación con el universo digital, los participantes se sienten seguros y, en ocasiones, prefieren los contactos e intercambios realizados en persona.

Palabras clave: redes sociales; cultura de participación; comunidades virtuales.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido a partir da disciplina *Humanismo*, que integra o currículo do curso de comunicação da Universidade da Região de Joinville (Univille). A disciplina, ministrada por Silvio Simon de Matos, tem, entre seus objetivos, promover a reflexão, o diálogo e a troca com os acadêmicos sobre a interação deles em ambientes digitais, tais como: Instagram, YouTube ou Twitter. A turma contava com estudantes do terceiro semestre de Artes Visuais, Cinema e Audiovisual, Publicidade e Propaganda. Com duração de um semestre, os acadêmicos tiveram contato com teorias que remontam uma longa tradição de estudos, com destaque para aquelas do período da modernidade aos dias atuais.

Entre as obras estudadas, o *Neo-Humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens*, de Lucia Santaella (2022), desenvolve o conceito a partir de impactos sofridos pela humanidade ao longo de sua existência. Entre eles, o destaque para o que marca o nosso tempo; a cultura digital e a cultura de dados (Santaella, 2022). O ponto central passa a ser, também, a partilha, a troca, a imersão no mundo digital e a partir do qual se forma o *show do eu*, tema estudado por Sibilia (2016). Ela nos mostra o deslocamento do privado para o público, fazendo com que a vida, além de compartilhada com outros, se torne o meio a partir do qual passamos a ser conhecidos na exposição permanente em plataformas digitais. Nossos dados não são mais particulares, mas sim extraídos nas plataformas por sistemas e algoritmos, que gerenciam os conteúdos que vão ao encontro do que os internautas gostariam de receber, assim como o controle do que compõem o seu campo de visibilidade e de desejos.

Percebe-se que essas questões – como a extração de dados e o controle do campo de visibilidade do internauta – integram, cada vez mais, o cotidiano de estudantes de graduação. De um lado, a vida passa por um processo de dataficação; por outro, busca-se, nas interações virtuais, estabelecer vínculos sociais. Nesse sentido, apresenta-se como problema de pesquisa: Quais os cenários idealizados por estudantes de comunicação sobre a construção de comunidades, as relações entre público e privado, a presença na *web* e a construção de vínculos afetivos?

O objetivo geral é o de identificar as perspectivas apontadas por estudantes de cursos de comunicação de uma universidade catarinense sobre os cenários ideais voltados à construção de comunidades, relações entre público e privado, presença na *web* e construção de vínculos afetivos.

Para tornar o conteúdo da disciplina mais próximo dos estudantes, foi aplicada a metodologia de coleta de dados, como o mapa da empatia, que auxilia na projeção e na elaboração de um olhar contex-

tualizado na vida de grupos minoritários. Especificamente para esta proposta, a aplicação metodológica reflete o contexto do que chamamos de “poema dos desejos”, mecanismo utilizado para que as pessoas participantes da investigação possam indicar os cenários ideais em relação aos tópicos integrantes da pesquisa.

O resultado da coleta mostra uma variedade de respostas que nos ajudam a entender um pouco mais o comportamento, as angústias, as buscas por respostas e os anseios de uma geração que vive a maior parte do tempo em ambiente virtual.

METODOLOGIA

Esse trabalho se desenvolve no contexto das aulas de *Humanismo*, no terceiro semestre de cursos relacionados ao campo da comunicação e da cultura criativa (Artes Visuais, Cinema e Audiovisual, Publicidade e Propaganda). O percurso investigativo fundamenta-se em um modelo teórico que utiliza uma técnica chamada de “poema dos desejos”. Trata-se de uma metodologia de coleta de dados, a partir da qual os participantes são instigados a indicar qual seria o cenário ideal para uma situação específica.

Ao todo, integravam a turma 35 estudantes, dos quais nove são do gênero masculino e 26, do feminino. A turma possui peculiaridades e diversidades muito próximas ao que encontramos em outros cursos de comunicação, e as idades correspondem a uma faixa etária entre 20 e 25 anos. A coleta ocorreu no dia 21 de junho de 2023, com o suporte do formulário eletrônico *Google Forms*, sendo que, para sua realização, foram elaborados questionários, com perguntas abertas, para facilitar a expressividade e a liberdade de depoimento de cada um dos participantes.

Para a construção desta investigação, os estudantes responderam às seguintes questões:

- Comunidades nas redes digitais possuem os mesmos laços da comunidade onde você vive no dia a dia (trabalho, casa, universidade, por exemplo)?
- Quais os limites entre o que é público e o que é privado?
- Como são constituídas as relações entre se ter amigos presenciais e amigos virtuais?
- O que significa ter segurança e liberdade?
- Quais as diferenças entre amigos presenciais e amigos virtuais?
- Como são os processos de construção de vínculos afetivos com outras pessoas e construção de amizades?

No dia da realização da coleta, estavam presentes na aula 31 estudantes. A interpretação das informações coletadas deu-se por meio da análise das narrativas das respostas (Sá Martino, 2018). Posteriormente, foram aplicadas a “nuvem de palavras”, ou seja, as respostas de cada formulário são organizadas em um único arquivo, levadas para o *software on-line* <https://www.wordclouds.com/> e, por

fim, constituem-se imagens que passam a compor a exposição e discussão dos resultados. Os contextos que envolvem as linhas investigativas aqui descritas, ou seja, comunidades virtuais/presenciais, o que é público e o que é privado, aspectos relacionados à segurança e liberdade, amigos presenciais e virtuais e vínculos afetivos integram discussões que se notabilizaram com os avanços do acesso à internet, das plataformas digitais e dos algoritmos.

FORMANDO LAÇOS EM COMUNIDADES

Há um longo estudo nas ciências humanas e sociais sobre a noção de comunidade, muitos deles remetem à dicotomia com a sociedade. O debate remete aos clássicos da sociologia, entre eles, Émile Durkheim, aos contemporâneos, como Zygmunt Bauman. Outro autor que ganha importância para os estudos da comunicação é Michel Maffesoli (1999), que interpreta traços do tribalismo para falar de comunidade. Em sua obra de 1988, *No tempo das tribos*, ele já indicava presença de tribos nas grandes metrópoles e em um tempo marcado pelo individualismo. Para Maffesoli (1999, p. 39), mesmo que se atribua a noção de individualismo para descrever a modernidade, “[...] por outro lado, ela é totalmente inadequada para descrever as diversas formas de agregação social que vêm à luz”. O que veio à luz, e que Maffesoli demarcou como pós-modernidade, é a dimensão do emocional sobrepondo ao racionalismo. As paixões, as emoções e os afetos passam a determinar as relações sociais. Ao longo de nossa trajetória nos acostumamos, enquanto seres sociáveis, a pertencer, conversar, trocar, interagir e viver em grupos. No que se relaciona aos jovens, a metáfora da tribo, de Michel Maffesoli (1999), ajuda a entender um caminhar dos espaços e das funções que cada pessoa pode representar dentro dela.

Essa perspectiva estética faz-se ainda mais relevante para pensar as formas de *estar-junto-com* (Maffesoli, 1988) a partir das redes sociais. Nesses grupos, ou comunidades, estabelece-se nós nas redes, aproximações, muitas delas pautadas em vivências culturais – artes e esporte –, outras geracional ou simplesmente por possuírem afetos comuns que compõem determinada comunidade. Aqui, é necessário considerar a construção de laços sociais capazes de determinar a permanência estabelecida com o grupo (Maffesoli, 1998).

Observa-se a presença desses traços nas comunidades virtuais, como observou Bentes (2015) ao indicar que:

[...] o Brasil está passando por um momento incrível, justamente de produção de outras subjetividades, de outras experiências que são decisivas na fabulação de processos simultaneamente íntimos, coletivos e públicos. É um novo tribalismo talvez, em que o mais íntimo explode nas ruas e nas redes (Bentes, 2015, p. 157).

Essa conjunção entre rua e rede, entre comunidade presencial e virtual, pode-se observar também nas respostas dos participantes da pesquisa a partir da qual se estrutura este artigo. Outro ponto importante foi o de identificar nas respostas dos estudantes a formação dos laços sociais no ambiente virtual e no presencial. A potência afirma-se nas relações, por isso a importância de entender “[...] o que nos une, o que nos afasta, o que nos impulsiona, o que nos vicia, o que nos desperta e o que nos imobiliza no interior das tecno-interações [...]” (Moraes, 2006, p. 41). A figura 1, a seguir, contextualiza as palavras que mais se destacaram nas respostas coletadas.

[illegible]

O eixo de diálogo – comunidade presencial X comunidade virtual – mostra-se presente em palavras como “laços”, “existe”, “acredito”, “diferentes”, “compartilhar”, “gostos”, “fortes” e “sociais”. Observa-se algumas colocações feitas, como a da entrevistada 2, quando diz que *“para min os laços do dia a dia sempre serão mais fortes do que as comunidades nas redes sociais. Estar com pessoas diariamente nos faz ser mais leves e conseguimos compartilhar e ter experiências de maneira mais intensa”*, e que reforça o sentido da importância da comunidade presencial, do *estar-junto-com*, do toque físico. E isso fica mais evidente na declaração da entrevistada 7: *“Do meu ponto de vista, não. Comunidade passa a ideia de algo próximo, pessoas que vivem em conjunto e se ajudam como podem. Já a rede social traz uma certa distância, apesar de unir os iguais, com gostos afins. A comunidade virtual é algo menos tangível, eles se unem por um bem maior, como, por exemplo, as minorias”*.

A entrevistada 1, em sua fala indicou o oposto, ao retratar que: “*Sim, hoje em dia sim. Comunidades digitais podem ser muito úteis e gerar grandes conexões e aprendizados. Em alguns casos, uma comunidade virtual pode ser incrível, porque muitas vezes na realidade da pessoa esse nicho dessa comunidade não existe*”. O que expõe aqui se relaciona com os resultados da pesquisa “Subjetivação e ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto – identificação, engajamento e pertencimento” (Matos, 2019), quando foi observado que grupos minoritários acabavam por se reconhecer e se identificar após começar a acompanhar grupos nas redes digitais com proximidade de existência e fala sobre as dificuldades que vivenciava em seu cotidiano. Trata-se, aqui, de um ambiente que, em diferentes momentos, faz com que o indivíduo se sinta mais à vontade ou enxergue ali a sua morada, seja por se sentir mais próximo daqueles com quem se identifica ou mesmo por conta de fatores ligados ao tempo, favorecendo o contato pelo universo virtual.

Para alguns integrantes de redes sociais, o caminho para integrar uma comunidade pode passar por um conjunto de atividades ligadas à mobilização, *performance* dos sujeitos integrantes de uma rede, engajamento, identificação e visibilidade dos sujeitos que ali se encontram. Ou como colocou outro estudante, ao dizer que: *“Acredito que a existência de comunidades virtuais serve para encontrarmos apoio em opiniões que não recebemos em nossa casa ou universidade. Furar a bolha e conhecer pessoas de outros lugares que pensam como você mesmo no outro lado do mundo nos torna menos estranhos”*.

Por fim, um ponto relevante vem da opinião da entrevistada 15, que inicia sua fala de forma enfática: *“Não, as comunidades nas redes digitais não têm a mesma convivência e troca de humor que as pessoas que vivem no seu dia a dia, nas redes digitais queremos ser descolados, feliz, inteligentes e etc., mas, na vida real, somos pessoas comuns, com problemas comuns, nada extraordinários, como queremos nos apresentar nesse ‘mundo’”*. Ao fazer uma síntese dos pontos abordados nas respostas, percebe-se que apenas um dos respondentes foi taxativo ao dizer que sim, a comunidade virtual acaba sendo mais relevante, duas atuaram no campo da ponderação e as demais conduziram todas as suas respostas para demonstrar a força e a potência das comunidades presenciais.

Esse diagnóstico inicial que aponta para a importância das relações presenciais mostra-se presente quando, em diferentes momentos, são usadas expressões que relacionam as comunidades presenciais a “rede de apoio”, “doação”, “sinceridade”, “vínculos verdadeiros”, “laços mais fortes”, por exemplo. De certa maneira, é importante ter esse retorno a partir de estudantes que possuem entre 20 e 25 anos, porque, por vezes, o entendimento que é passado a partir da “massificação” das redes sociais na internet e pelo senso comum é de um valor profundo e único em relação ao estar, fazer-se presente e dar força ao que se faz e vê na *web*.

O ATO DE COMPARTILHAR E OS DIÁLOGOS ENTRE O QUE É PÚBLICO E PRIVADO

O século XXI tem se destacado pela presença da cultura da convergência (Jenkins, 2009). Cada vez mais, a vida *off* e *on* se misturam. Em certos momentos, observa-se que viver significa entender o último *hit* da internet, como fazer o *mem*e ganhar vazão e engajamento, ou mesmo, como poder usufruir de todos os comandos da nova rede social e, assim, compartilhar tudo o que vive e/ou faz. Explorando ao máximo imagens, as narrativas que antes pertenciam ao espaço privado ganham palco público e não somente aos chamados amigos, mas a um número sem fim de pessoas até então desconhecidas, quem sabe até algumas indesejáveis, e que passam a acompanhar relatos de uma vida, que agora passa a ser totalmente pública (Sibília, 2016).

Nesse aspecto, uma das participantes da pesquisa traz um importante questionamento: *“Qual a necessidade de se compartilhar tudo? A vida que temos é valiosa, não há necessidade de compartilharmos onde estamos, o que estamos fazendo, quando vivemos o mundo digital e esquecemos a vida física é que está mal. Tem coisas que precisamos guardar na mente”*. A fala da participante esteve presente em outras respostas, que, em síntese, apontam para as vivências íntimas que se tornam públicas. O compartilhamento da vida faz o Eu ser visto e ouvido: “[...] reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local” (Martín-Barbero, 2006, p. 54).

A partir da figura 2, que aparecerá na sequência, podemos observar palavras que reforçam aspectos que circundam as relações entre o que é público e o que é privado. O que vemos é que os participantes destacam a necessidade de poder refletir sobre os limites e os espaços em que família, privacidade, compartilhamento e questões pessoais devem sair do que é íntimo para ser de acesso a pessoas, conhecidas ou não.

Figura 2: Limites entre o que é público e o que é privado



Fonte: elaboração própria (2023).

Na fala de outra participante da pesquisa, observou-se a busca do que seria o ideal na sua opinião para esse diálogo entre as fronteiras do público e do privado: “É de extrema importância que seja estabelecido um equilíbrio sobre o que será publicamente exposto, pois podemos colocar nossas intimidades em risco. Portanto, devemos nos policiar na frequência que publicamos as coisas na internet, nem tudo precisa ser compartilhado. Podemos criar o hábito de pensar se realmente será necessário”. A fala vem como uma advertência de falta de equilíbrio na forma que os sujeitos se projetam na vida virtual. Essa experiência de si no mundo digital é apontada por Haroche (2013) como desafiador a partir da web 2.0, sendo que “[...] para provar um sentimento de existência, é preciso agora ser visto por imagens, se exibir o máximo possível e, para isso, oferecer constantemente imagens de si: estar presente, ser conhecido, até mesmo famoso, por meio da imagem” (Haroche, 2013, p. 86).

Um bom exemplo sobre a lógica desse processo exposto por Haroche está na fala da entrevistada 15, quando ela coloca que: *“Antes de existir redes sociais, o mundo sabia diferenciar entre o que era público e o que era privado. Hoje em dia, as pessoas mostram cada vez mais das suas vidas através de fotos, vídeos e comentários, basta alguns cliques para você saber tudo sobre a vida de uma celebridade”*. De fato, não é somente para as celebridades da era dos meios de comunicação de massa, mas também para as que se projetam nas redes. Pessoas simples, até então vivendo junto às suas conexões privadas, se tornam públicas a partir da hiperconexão gerada pelo novo modelo de comunicação, tornando-as produtoras de conteúdos, maximizando, por vezes, a vontade de se expor e romper os limites antigamente existentes entre o que era de convívio íntimo e o que agora passa a ser de domínio de todos (Santaella, 2022).

NO PRESENCIAL, NO VIRTUAL – INTERAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE AMIZADES

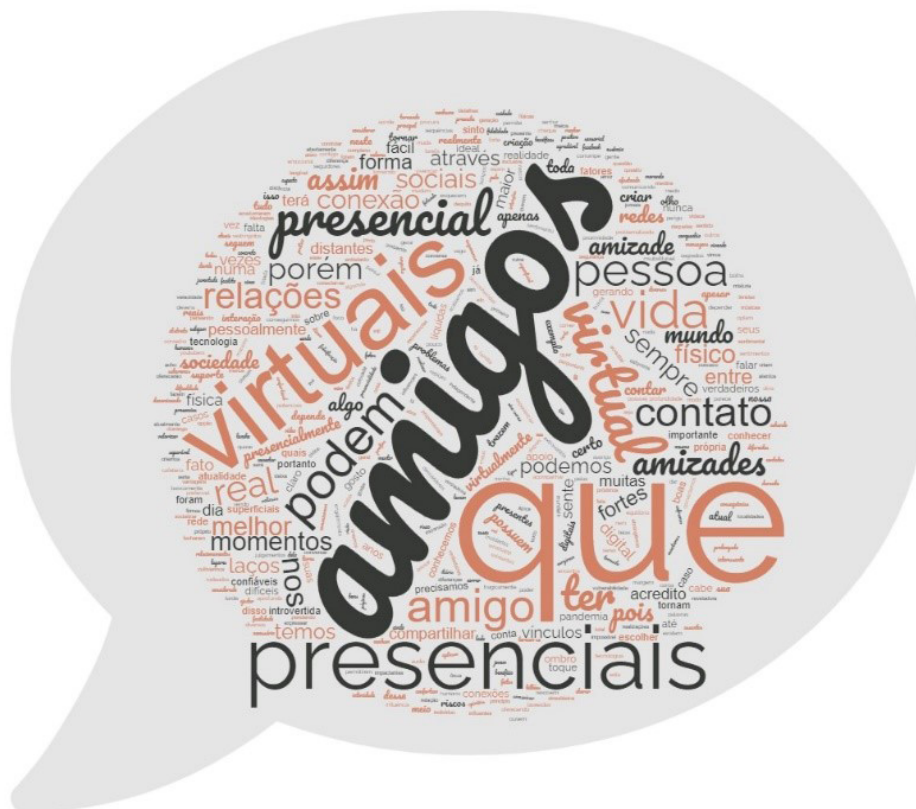
Nos ambientes virtuais, um sistema de trocas se implementa, configurando-se no compartilhamento, em uma sinergia frequente que permite novas experiências e sentidos no que fazemos, pensamos e dizemos (Shrirky, 2011). Essas relações formam uma rede de afetos, a partir da qual Di Felice (2020) vê “[...] mais do que uma simples extensão das nossas relações em um plano virtual, nossas vidas conectadas exprimem uma transformação da própria natureza das interações e do social” (Di Felice, 2020, p. 34). E, nesse contexto, quem se torna um membro ativo de uma rede social na internet é usuário também, produzindo, disseminando, compartilhando e interagindo, seja com conteúdos proprietários (elaborados por ele mesmo) ou em articulações geradas por outras pessoas e/ou marcas, por exemplo.

Para Haroche (2013) “[...] a visibilidade passa a estar no centro do processo de produção [...] a ponto de a injunção da visibilidade, a obrigação de oferecer, de mostrar imagens de si, em suam, a visibilidade de si, atualmente ser imposta ao indivíduo” (Haroche, 2013, p. 93). Um conjunto de aspectos que vão modulando as interações e as construções afetivas nas redes digitais e que, nesse sentido, são instituídas por atos contínuos de proximidade de interesses, sejam eles dos conteúdos gerados, dialogados ou compartilhados. Os contextos gerados remetem a processos que são afetados por identificação, engajamento e aprendizagem e que, de certa forma, vão procurar garantir a permanência de indivíduos na nova, ou mesmo, na antiga rede de amigos que, agora, transportou-se para a internet.

Ao responder à questão sobre vínculos afetivos com outras pessoas e construção de amizades, a participante 7 colocou que: *“Criar laços afetivos e amizades é muito importante, pois com eles aprendemos, ensinamos e crescemos. Na sociedade em rede, o conceito de amigos pode ser atribuído a número de seguidores, mas fica obvio que você não consegue cultivar 500 amigos com vínculo afetivo. Isso leva tempo, cuidado, cultivo”*. Ao apontar para esse caminho, ela também identifica que são frágeis as relações e as amizades em redes, como as do Instagram, Twitter e TikTok.

Assim, narrar, contextualizar, descrever o que está acontecendo consigo e com os que o cercam é uma das premissas para a formação dos laços sociais. Uma estrutura de convívio com outras pessoas que independe do ambiente, seja ele físico ou virtual. Algumas das palavras que estão em destaque na nuvem de palavras gerada com as informações das respostas dos participantes da pesquisa demonstram

Figura 3: Relações entre ter amigos presenciais X virtuais



Em pesquisas realizadas anteriormente (Matos, 2019), foi identificada uma questão já exposta aqui: a de que a formação de uma rede no entorno dos canais digitais passa, principalmente, por processos de identificação, seja por conta dos conteúdos gerados pelo proprietário e/ou mesmo por quem segue. O comentário feito pela respondente 21 ajuda a entender e reforçar essa perspectiva, pois, para ela: *“Nós, como seres humanos, temos a necessidade de criar vínculos com outras pessoas, mas a amizade é construída quando encontramos algo em comum, com confiança e respeito”*.

E essa característica de resposta não foi a única, esteve presente em vários momentos como na da participante 19, quando disse que: *“a construção dos vínculos afetivos é criada pela maneira que você vê o próximo, o ideal nessa construção é uma relação mútua, onde ambos são verdadeiros com o outro, tornando comum questões como a maneira de tratamento, o tom que as conversas seguem, até a necessidade de proximidade dessas pessoas”*. Observa-se, a partir das respostas em geral, o entendimento que os estudantes de comunicação têm como ideal, de estabelecer vínculos afetivos e amizades como elementos constituintes de uma forma tradicional de exercê-la, ou seja, de construir, a partir do contato, afetos, ligando-os enquanto seres humanos.

Uma das questões que mais afeta quem tem assiduidade nas redes sociais da internet está relacionada à circulação de dados e informações. Com o aprimoramento dos *softwares* e dos sistemas de inteligência artificial, esse tem sido um campo de grande discussão. O ponto de interesse, aqui, é o de questionar os estudantes participantes sobre ter a segurança e a liberdade na internet.

As respostas relacionam com tema de forma mais abrangente do que o inicialmente proposto, com foco em se sentir seguro e ter liberdade de expressão no universo *web*. No entanto, podem-se identificar comentários como o da participante 10, ao colocar que: “*A internet passa essa visão de ‘terra sem lei’, por conta dessa sensação de liberdade ilimitada, é questionável o quão seguro você está. A liberdade é, sim, muito importante, deve ser respeitada e exaltada. Mas a minha liberdade acaba onde começa a do outro, isso seja online ou fora da rede. A segurança deve ser zelada, tanto quanto a liberdade*”. Nessa “terra sem lei” acabamos por ser nós os grandes fornecedores de dados, “[...] fornecidos por nós nas ruas, nos aeroportos, nos cafês e, cada vez mais, nas redes, onde compartilhamos nossas imagens”, conforme aponta Beiguelman (2021, p. 63). A figura 4, sintetiza as colocações dos estudantes em relação aos temas segurança e liberdade.

Figura 4: O que dizer sobre segurança e liberdade



Fonte: elaboração própria (2023).

Merecem destaque na coleta, palavras como “expressar”, “sensação”, “medo”, “lugar” e “sentir”. O reflexo do que citamos aqui fica evidenciado em outra fala, da participante nove, quando questiona: *“Acredito que a sensação e confiança de segurança que temos na sociedade nos dá uma falsa liberdade para vivermos normalmente. Afinal, todo ser humano é mesmo livre para fazer o que quiser? Acredito que sim, o que a sociedade impôs ao longo do tempo foram consequências para cada situação, seja ela positiva e negativa”*. E essa “falsa liberdade” nos acompanha e, por vezes, pode gerar nas pessoas uma série de angústias envolvendo essa “sensação e confiança de segurança”, que, na verdade, acabam por se refletir em sistemas robustos de vigilância social, atuando por meio dos dispositivos, das publicações que fazemos, do que seguimos, gerando um armazenamento sem fim de informações do indivíduo, que passam a se conectar com poderosos bancos de dados (Beiguelman, 2021).

O que geramos de produto nas redes sociais são imagens, vídeos e textos. Tudo isso caminhando entre *feeds* dos que nos seguem, daqueles que já eram próximos no mundo físico, ou mesmo dos que se tornaram os amigos virtuais mais próximos que já tivemos. Guiados por algoritmos acabam por determinar quando aparecer, para quem aparecer e em que contexto de busca e/ou visualização, sendo que nesse instante acontece, segundo Beiguelman (2021, p. 49), que “[...] a cultura do compartilhamento se cruza com a cultura da vigilância”, fazendo com que nossos rastros estejam no conteúdo autoral, nas curtidas, nos compartilhamentos, independente se a postagem é sobre política, artes ou fatos do cotidiano.

A FORMAÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS QUE VÃO ALÉM DAS REDES DIGITAIS

Figura 5: Construção de vínculos afetivos



Fonte: elaboração própria (2023).

Procurando fazer uma síntese dos comentários feitos pelos estudantes à questão proposta sobre o tema vínculos afetivos e construção de amizades, pode-se destacar as palavras “criar”, “relação”, “construção”, “afeto” e “comum”. Assim como em outros resultados apresentados nas figuras deste artigo, embora não sejam as que estão no centro e em tamanho de fonte maior, percebe-se que representam uma perspectiva dos ideais de desejo do grupo pesquisado. A fala a seguir, de uma das participantes, aborda aspectos que reforçam a síntese aqui demonstrada: *“Relações com outras pessoas são complexas. Essencialmente faz bem termos alguém com quem nos identificamos para criar um laço que, pode ser para assuntos muito importantes, ou para simplesmente jogar conversa fora. Quando acabamos um vínculo que era forte sentimos uma forte sensação de luto. Mas quando é duradouro, é benéfico”*.

Ao longo das respostas, percebe-se que os estudantes consideram a temática “vínculos afetivos e construções de amizades” de grande relevância, deixando clara essa posição nas opiniões coletadas. Criar vínculos sociais passa a ser a principal demanda: *“Só é possível criar um vínculo afetivo com alguém, se você estiver realmente disposto a demandar parte de sua vida a isso, é necessário que o sentimento de afeto seja mútuo para que haja a possibilidade de criar uma conexão”*. Nessas relações, alguém, até então estranho, com pouco contato, passa à denominação de amigo. As narrativas do cotidiano geram experiências, espaço para afetos e vivências que farão sentido para ambas as partes (Sá Martino; Marques, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas de discussão aqui propostos buscam compreender o cotidiano desses estudantes que parecem constantemente esperar pela próxima grande rede social na internet. Esse é um fenômeno – as relações em rede – marcado por dúvidas, incertezas, questionamentos que necessitam, ainda, de estudos.

Nas últimas duas décadas, saiu-se de contatos territorializados, com fronteiras, para emergir em uma sociedade reconfigurada, das redes e que avança em quase todas as instâncias do cotidiano, convertendo a própria vida em dados. Na rede, estamos expostos, assim como tentamos definir o que somos e os ideais projetuais do que queremos ser (O’Neil, 2020). São algoritmos que oferecem produtos, serviços e conteúdos, máquinas que parecem conhecer totalmente os internautas, por isso, questões relacionadas à humanização ganham cada vez mais relevância.

A proposta do presente artigo era de entender questões relacionadas a comunidades virtuais/presenciais, limites entre o que é público e o que é privado, as relações de amigos presenciais/virtuais, sentimentos de segurança e liberdade e a construção de vínculos afetivos. A partir dessas interações com os estudantes, constata-se a pertinência das investigações sobre as relações geradas pelas redes sociais na internet e de como elas impactam os indivíduos. Já faz parte do senso comum dizer que os jovens de hoje estão extremamente conectados. Mas até que ponto há aceitação passiva e confortável nos ambientes de rede? As questões contribuíram para a reflexão desses estudantes sobre o cotidiano de suas próprias práticas, demonstrando que existe uma reverberação no sentido de se valorizar e, até preferir, aquilo que compõe a presencialidade, o contato, a vida que se forma com a convivência com o outro.

Como proposta para dar sequência ao trabalho aqui apresentado, sugere-se a aplicação da metodologia que compõe o artigo e os respectivos questionamentos em outras turmas de cursos de graduação em comunicação. Com a realização de uma coleta em rede, podem ser feitas perspectivas de comparação e entendimento das questões a partir de vozes que estão em diferentes locais do país. Com isso, pode-se descobrir aspectos significativos a respeito dos modos de ser, agir e atuar nas redes sociais da internet, constituindo como público participante jovens com faixa etária e nível de etapa da graduação semelhante à pesquisa aqui apresentada.

REFERÊNCIAS

- BEIGHUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: ALEPH, 2006.
- HAROCHE, Claudine. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-Unifesp, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de. (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição de massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça à democracia**. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar – procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.
- SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Métodos de pesquisa em comunicação – projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- SÁ MARTINO, Luís Mauro; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Ética, mídia e comunicação – relações sociais em um mundo conectado**. São Paulo: Summus, 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens**. São Paulo: Paulus, 2022.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SIBILIA, Paula. **O show do Eu – a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- MATOS, Silvio Simão. **Subjetivação e ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto – identificação, engajamento e pertencimento**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 2019.

Submissão: 06/05/2025

Aceite: 04/06/2025